

14-06-2024

Tú me quieres blanca

Tú me quieres alba,
me quieres de espumas,
me quieres de nácar.
Que sea azucena
sobre todas, casta.
De perfume tenue.
Corola cerrada.

Ni un rayo de luna
filtrado me haya.
Ni una margarita
se diga mi hermana.
Tú me quieres nivea,
tú me quieres blanca,
tú me quieres alba.

Tú que hubiste todas
las copas a mano,
de frutos y mieles
los labios morados.
Tú que en el banquete
cubierto de pámpanos
dejaste las carnes
festejando a Baco.
Tú que en los jardines
negros del Engaño
vestido de rojo
corriste al Estrago.

imortaliza *Alfonsina y el Mar*. A dramática zamba¹, em homenagem à poetisa Alfonsina Storni, composta pelos acordes de Ariel Ramirez e versos de Félix Luna, estava na minha caixinha de emoções na comovente interpretação de [Tânia Libertad](#) (2012). A musa dessa canção - Alfonsina Storni - nasceu em Sala Capriasca (Lugano, Suíça Italiana, 29/05/1892) e foi adotada pela Argentina nos anos primeiros do século passado. Seus pais (Alfonso e Pasqualina), após uma temporada na Suíça, retornam a San Juan para continuarem empreendimento familiar (Construções; depois, Soda e Cerveja) mas o melancólico Alfonso recolhia-se em si mesmo por largos períodos e abandonava os negócios. A mulher e os filhos precisaram trabalhar aviando costuras (serviço costumeiro à época) por mais de doze horas diárias atravessando a madrugada. Alfonsina começa a trabalhar como garçonete e ajudante de cozinha aos nove e numa fábrica de gorros aos 14 anos, quando se torna popular pelos seus chistes e solidariedade aos movimentos operários por melhores condições sociais e de trabalho. Nesse tempo, nasce a poetisa: *Aos doze anos escrevi meu primeiro verso. É noite; meus parentes ausentes. [...] Desde então, os bolsos dos meus aventais, os corpetes das minhas anáguas, estão cheios de papéis borrados que estão morrendo como migalhas de pão. [...] Aos 13 anos estava no teatro* [em viagens com a Companhia de Teatro Manuel Cordero]. [...] *Porém quase uma menina e parecendo já uma mulher, a vida se tornou insuportável. Aquele ambiente me afogava...* Os desafios a amadurecem e a direcionam a diversas artes. Ao regressar, escreve sua primeira peça de teatro *Um coração valente* e decide estudar e ser professora rural. Destaca-se na comunidade escolar, mas é publicamente humilhada por ser corista, enfrenta uma depressão, e novamente se supera vinculando-se a duas revistas literárias – *Mundo Rosarino* e *Monos y Monadas* [Caras e Caretas] – nas quais surgem seus poemas (1911). Nesse período, mulheres que bailavam em espetáculos teatrais não eram bem vistas, poucas tinham letramento, e, as que se aventuravam na poesia precisavam de irreverência e ousadia... Em 1912 (com 20 anos), nasce [Alejandro](#), seu filho com Carlos Arguimbau (político e escritor rosarino casado e conhecido), revelando a atitude de uma mulher que enfrenta sozinha suas decisões. Nessa época, e nas atuais pouca coisa mudou, ser mãe solteira era vergonhoso, ainda mais com homens casados... As mulheres que, por opção, ou falta de opção (a pílula estava longe de ser inventada, os preservativos pouco eficazes, o aborto caro e arriscado), engravidavam e traziam ao mundo filhos bastardos (assim eram insultadas as crianças/pessoas fora do casamento), eram sobretudo valentes. Alfonsina colocava em versos sua irreverência (*Tu me quieres casta; O que diriam?*), suas angústias (*Alma Desnuda*), inquietudes... Poetisa desafios e, apesar das dificuldades financeiras, publica seu primeiro livro em 1916 (*A Inquietude do Rosal*) e conquista admiradores. Torna-se amiga de modernistas, de Carolina Muzzilli (socialista dedicada a estudos sobre a condição feminina e do trabalho infantil), Gabriela Mistral, García Lorca e Norah Lange. A obra *O doce Dano* (1918) é lançada em grande estilo e recebe homenagens de Roberto Giusti e José Ingenieros. Nesse período começa a escrever ensaios sobre a temática feminista na revista *A Nota*, questiona ‘mitos’ femininos de recato, discriminação das *solteironas*, busca incessante por marido, como em *Compra de Maridos*

Alfonsina Storni

Chiara Lages

[Bibliotecária]

Remexer, tocar, cheirar, sentir o que pessoas guardaram em vida é afeiçoar-se, o método mais sublime de catalogar materiais que integram acervos. Pois foi ‘remexendo’ uns guardados doados por familiares a uma biblioteca que me deparei com um vinil de 1969 de Mercedes Sosa (*Mujeres Argentinas*), em que

(04/04/1919): ... *Penso que isso pode se resolver através da demanda e oferta* [...] «*JOVEM POSSUIDORA DE MEIO MILHÃO DE PESOS, ALTA, ELEGANTE, DE FINA EDUCAÇÃO E BELO ROSTO, COMPRA UM MARIDO...*» Não duvido, que depois disso, se formarão associações de mulheres pobres... para se atirarem ao rio. ‘Mitos’ que atualmente tomam ares falaciosos de boa saúde (companhia, sexo etc). Sob o heterônimo *Tao Lao*, publica crônicas críticas na seção *Bocetos Femininos* [esboços] no diário *La Nación*², na maioria sobre o trabalho feminino na sociedade argentina, como em *As mulheres que trabalham* (20/06/1920). Baseando-se no censo, aponta que quase a metade dos que trabalham é de mulheres, imigrantes de diversas nacionalidades, em variados ofícios, grande parte sem atividade determinada, a maioria (4/5) no serviço doméstico. Suas *armas de trabalho carregadas aos ombros* (*vassouras, sabão, lençóis* etc) ([Mariela et al., 1998](#)). Apaixona-se, em 1922, pelo escritor uruguaio Horacio Quiroga, de personalidade oscilante entre a melancolia e os arroubos apaixonantes. Com ele, Alfonsina desempenha importante papel na criação da Sociedade Argentina de Escritores (1828), cujas primeiras reuniões eram abrigadas na casa de Quiroga, seu 1º vice-presidente. Mas, somente em 1931, a Intendência de Buenos Aires declara nobre a condição feminina e nomeia Alfonsina como jurado (a primeira mulher nesta função). Alfonsina e Quiroga separam-se pouco tempo depois, amor permanece. Um câncer de mama em 1935, a mutilação cirúrgica, as dores do avançar da doença, o suicídio de Quiroga (1936) e, talvez, o cansaço de tantas lutas, a levaram a se atirar no Mar del Plata, na madrugada de 25/10/1938.

Partida retratada na canção...

ALFONSINA Y EL MAR

Por la blanda arena
Que lame el mar
Su pequeña huella
No vuelve más
Un sendero solo
De pena y silencio llegó
Hasta el agua profunda
Un sendero solo
De penas mudas llegó
Hasta la espuma.
Sabe Dios qué angustia
Te acompañó
Qué dolores viejos
Calló tu voz
Para recostarte
Arrullada en el canto
De las caracolas marinas
La canción que canta
En el fondo oscuro del mar
La caracola. [...]

Bájame la lámpara
un poco más
Déjame que duerma,
nodriza, en paz
Y si llama él,
no le digas que estoy
Dile que Alfonsina
no vuelve
Y si llama él,
no le digas nunca que estoy
Di que me he ido
Te vas Alfonsina
Con tu soledad
¿Qué poemas nuevos
Fuiste a buscar?
Una voz antigua
De viento y de sal
Te requiebra el alma
Y la está llevando
Y te vas hacia allá
Como en sueños
Dormida, Alfonsina
Vestida de mar

■ ■ ■

Notas: 1. **Zamba**: estilo musical independente, de origem peruana, popular na Argentina. Casais dançam separados em coreografia com lenços representando o cortejo amoroso de uma mulher por um homem (assistente). // 2. Jornal fundado em 1870 pelo Presidente Argentino, militar, Bartolomeu Mitre, de orientação ideológica de direita.

Conheça mais: [Alfonsina Storni](#) (Especial TV Argentina)

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.

A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.